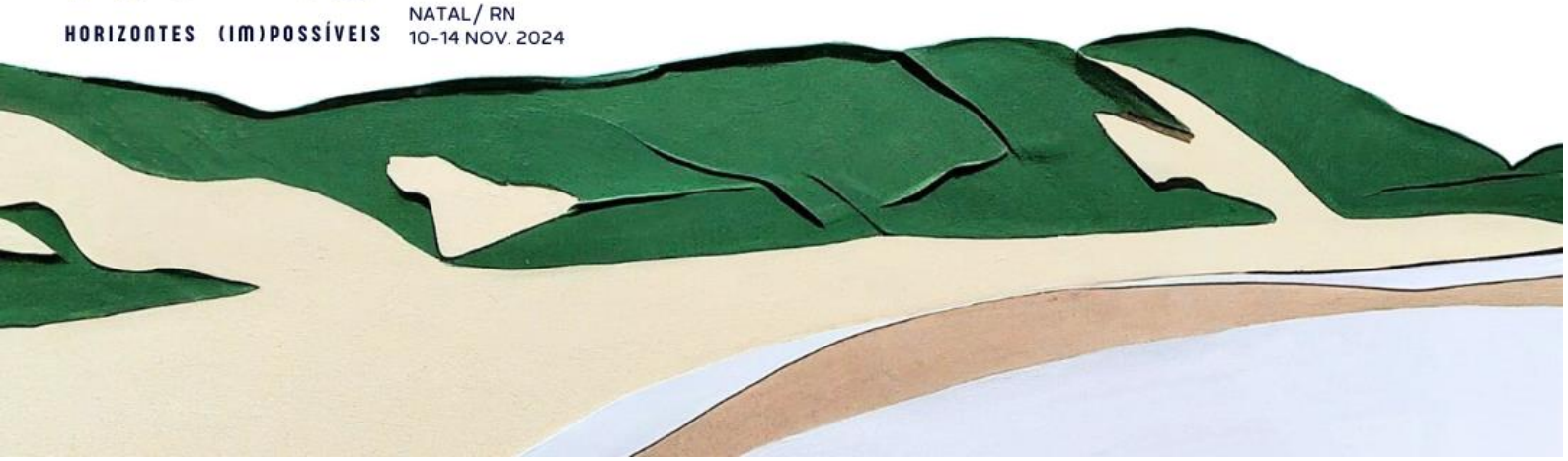
18 SHCU
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO
HORIZONTES (IM)POSSÍVEIS
NATAL/ RN
10-14 NOV. 2024



A DIFUSÃO DOS CINEMAS DE BAIRRO E A EXPANSÃO DA MALHA URBANA DE JOÃO PESSOA

EIXO TEMÁTICO: 1- AS DISPUTAS DO/PELO PROGRESSO E DO/PELO MODERNO

OLIVEIRA, Elisa B. C.
Mestre em Arquitetura e Urbanismo; PPGAU-UFPB
e-mail: elisabeatrizcarneiro@gmail.com

BONATES, Mariana F.
Dra em Arquitetura e Urbanismo; PPGAU-UFPB
e-mail: mariana.bonates@academico.ufpb.br

TRIGUEIRO, Marcele A. M.
Dra em Arquitetura e Urbanismo; PPGAU-UFPB
e-mail: marcele.trigueiro@academico.ufpb

RESUMO

Fundamentando-se na compreensão de uma relação entre os equipamentos dos cinemas e o espaço urbano, investiga-se o processo de difusão das salas de exibição de filmes na cidade de João Pessoa entre 1940 e 1970, período quando se inicia uma expansão mais flagrante, até quando começa a fase de declínio desses equipamentos na cidade. Identifica-se que o aparecimento e a consolidação das salas de "cinema de rua" coincidiram com o processo de reformas urbanas que acontecia na maioria das cidades brasileiras. O recorte temporal do artigo é caracterizado notadamente pela difusão dos cinemas de bairro, enquanto a malha urbana se espraiava e os novos bairros se consolidavam na cidade, com a criação de zonas habitacionais. Tal percurso histórico é apoiado pela pesquisa bibliográfica sobre o processo de modernização e expansão urbana de João Pessoa, em pesquisa hemerográfica de jornais e revista da época, bem como na construção de um mapeamento das salas de exibição em cada década de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: cinemas de rua; história urbana; expansão urbana; João Pessoa.

ABSTRACT

Based on the understanding of a relationship between cinema equipment and urban space, investigate the process of diffusion of film screening rooms in the city of João Pessoa between 1940 and 1970, a period in which a more flagrant expansion began, until when the decline phase of these facilities in the city begins. It is identified that the appearance and consolidation of “street cinema” halls coincided with the process of urban reforms that took place in most Brazilian cities. The time frame of the article is notably characterized by the spread of neighborhood cinemas, while the urban fabric spread and new neighborhoods were consolidated in the city, with the creation of housing areas. This historical path is supported by bibliographical research on the process of modernization and urban expansion of João Pessoa, in hemerographic research of newspapers and magazines of the time, as well as in the construction of a mapping of exhibition rooms in each decade of study.

KEY-WORDS: *street cinema, urban expansion, urban history, João Pessoa.*

RESUMEN

A partir de la comprensión de una relación entre equipamiento cinematográfico y espacio urbano, investigamos el proceso de difusión de las salas de proyección cinematográfica en la ciudad de João Pessoa entre 1940 y 1970, período en el que comenzó una expansión más flagrante, hasta que comenzó la fase de decadencia del cine. Se inician estas instalaciones en la ciudad. Se identifica que la aparición y consolidación de las salas de “cine de calle” coincidió con el proceso de reformas urbanas que tuvo lugar en la mayoría de las ciudades brasileñas. El marco temporal del artículo se caracteriza notablemente por la expansión de los cines de barrio, al tiempo que se expandía el tejido urbano y se consolidaban nuevos barrios en la ciudad, con la creación de zonas habitacionales. Este recorrido histórico se sustenta en investigaciones bibliográficas sobre el proceso de modernización y expansión urbana de João Pessoa, en investigaciones hemerográficas de periódicos y revistas de la época, así como en la construcción de un mapeo de salas expositivas en cada década de estudio.

PALABRAS CLAVE: *cine de calle, expansión urbana, historia urbana, João Pessoa.*

INTRODUÇÃO

As primeiras salas de cinema surgiram em João Pessoa no início do século XX – mais especificamente em 1910 –, quando a cidade iniciava um processo de modernização pautado em intervenções e reformas urbanas com caráter higienista, na tentativa de superar a imagem de cidade atrasada que a capital paraibana manifestava (Chaves, Tinem, 2007). Até aquele momento, João Pessoa era caracterizada por um núcleo urbano pequeno e pobre, em um contexto provinciano, com poucas opções de lazer e uma vida urbana limitada. Os cinemas emergiram, neste momento, como importantes equipamentos para a difusão de novos costumes, tornando-se uma das principais práticas de lazer do século XX.

Após as primeiras exibições, que aconteceram em 1897, durante o período da Festa das Neves, a atividade de exibição cinematográfica passou por um período de inconstância que durou por volta de uma década – até a abertura da primeira sala fixa. Apesar de não haver registros dessas exibições, a partir de 1902, o Teatro Santa Roza passou a organizar sessões de forma itinerante e improvisada, sem horários e dias definidos, mas que obtiveram sucesso e atraíram uma quantidade considerável de pessoas (Leal, 2007). Algumas exibições ocorreram igualmente em salas na Rua do Comércio, por volta de 1908 pela empresa "Cinema-Brazil", do proprietário Lourenço Caiofo ("O Norte", 10 de dezembro de 1908, p.2).

Em 1910, surgiu o Pathé, o primeiro espaço pensado efetivamente como cinema: ele inaugurou um período de intensa abertura de salas; no ano seguinte, foram inaugurados os cinemas Rio Branco (em fevereiro de 1911) e o Popular (em julho do mesmo ano). No final da década de 1910, surgiram o Edison e o Morse (Leal, 2007). Foi também a partir de 1910 que se iniciou um ciclo de progresso urbanístico e que a cidade sofreu intervenções para melhorias na infraestrutura, como abastecimento de água e luz elétrica (*cf*. mapa 1).

O primeiro cinema de bairro surgiu na cidade a partir dos primeiros – e breves – processos de expansão que começaram apoiados na sedimentação de um dos bairros mais antigos da cidade, o Jaguaribe. O Cine São João (em destaque na cor verde, *cf*. mapa 2) foi aberto ainda em 1923 e se tornou o Cine Jaguaribe em 1933. Mesmo com o surgimento desse

exemplar, os cinemas de bairro só se consolidaram, de fato, na cidade, quando os processos de expansão urbana se tornaram mais expressivos.

Mapas 1 e 2: Localização dos cinemas nas décadas de 1910 (1910 até 1919), utilizando o mapa de 1889 como base/localização dos cinemas na década de 1920 (1920 até 1929), utilizando o mapa de 1923 como base.



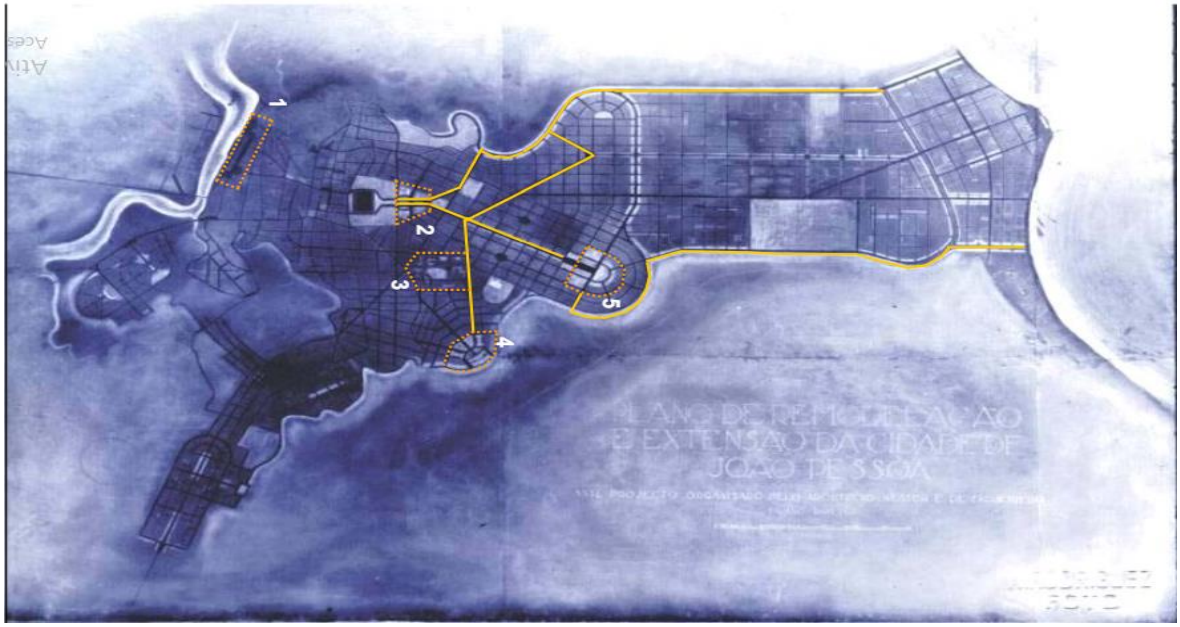
Fonte: Filipéia mapas da cidade, modificados pelo autor.

A década de 1930 inaugurou um momento de bastante avanço para João Pessoa, tanto social quanto urbanístico. Os eventos da Revolução de 1930[1] deixaram a capital paraibana em evidência no contexto nacional, havendo, assim, um aumento na dotação de verbas federais e investimento na esfera industrial da cidade (Rodriguez, 1980). Esse foi um momento propício para o desenvolvimento de um plano capaz de articular a malha urbana e, neste sentido, o Plano de Remodelação e Extensão foi elaborado para a cidade de João Pessoa, em 1932, pelo engenheiro Nestor de Figueiredo, executado inicialmente no governo de Argemiro de Figueiredo (1935 – 1940). O plano tinha em seu cerne a preocupação com o fluxo viário da cidade. Trajano Filho (2003) relata que a estratégia se desdobrava na relação "cidade, rio e mar", numa tentativa de articulação desses polos, separando-se por duas tarefas principais: a

[1] Movimento político que rompe com as articulações políticas entre oligarquias regionais no Brasil, marcando fim do período intitulado de República Velha. Teve como principal articulador o então presidente do estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, com importância significativa no Estado, dado a perseguição política, e consequente assassinato, do presidente paraibano João Pessoa.

remodelação da cidade existente e o planejamento de expansão da cidade futura (*cf*. figura 1). O plano de Nestor de Figueiredo conseguiu atingir o feito de integrar a cidade em seu processo de expansão, construindo uma malha viária articulada entre a cidade existente e as áreas que se expandiriam, a cidade futura (Trajano Filho, 2013).

Figura 1: Plano de Remodelação e Extensão de João Pessoa de Nestor de Figueiredo de 1932, destacando: 1- Praça de Desembarque; 2 – Centro de Administração Municipal; 3- Bairro da Saúde; 4 – Centro Universitário e 5- Centro Cívico; em amarelo, as parkways e as novas ligações viárias.



Fonte: VIDAL, 2004.

Segundo Mello (1990), até aproximadamente os anos 1940, o hábito de "ir ao cinema" era uma prática exercida com uma destinação específica e envolta por um ritual de apreciação espacial – do espaço do cinema e da cidade –, uma vez que a maioria das salas estava situada no centro urbano originário, o qual, por sua vez, situava-se geralmente às margens de um rio. No caso de João Pessoa, em meados do século XX, uma série de transformações socioespaciais foram observadas, tais quais a ampliação da rota de transportes[2], as obras de melhoria na infraestrutura urbana, bem como uma maior ocupação da Avenida Epitácio Pessoa – via que ligava o centro ao litoral –, que passou a incorporar novos bairros à malha urbana. Em

[2] Em meados do século XX, o Brasil passa por um processo de urbanização impulsionado pela política de construção de estradas que vai permitir uma maior circulação de mercadorias no território nacional (RODRIGUEZ, 1980). Rodriguez (1980) comenta que esses efeitos foram sentidos em João Pessoa principalmente em meados da década de 1940.

conformidade com estas transformações, a prática de "ir ao cinema" tornou-se mais um dos passatempos dentro das opções de lazer que surgiram. Chaves e Tinem (2007) apontam que este segundo momento de urbanização pessoense, que se desenvolveu a partir da segunda metade do século XX, aconteceu com a entrada da cultura e do capital estadunidense, provenientes de um desenvolvimento industrial e de ações de diversas fundações e institutos públicos, os quais tiveram como símbolos, de acordo com as autoras, a verticalização dos edifícios e o automóvel.

O período entre 1940 e 1970 compreendeu a expansão urbana de João Pessoa, dando início a um processo que Martins (2019, p.87) intitula como "cultura da praia", processo que contribuiu para a expansão da cidade em direção ao litoral. Um dos grandes impulsionadores desse movimento foram as construções das zonas habitacionais por órgãos ligados a questão habitação, como BNH (Banco Nacional de Habitação), as IAPs (Institutos de Aposentadoria e Pensão) e órgãos locais como Montepio e a Fundação Casa Popular (FCP) e a Companhia Estadual de Habitação Popular (CEHAP). Os cinemas de bairro se difundiram de forma mais marcante pelas cidades neste intervalo, mais precisamente a partir das décadas de 1940 e 1950. Como afirma Santoro (2004, p. 122), em análise aos cinemas de rua de São Paulo, os cinemas de bairro eram "salas menos badaladas que as do Centro, mas não necessariamente menores, com ingresso mais barato".

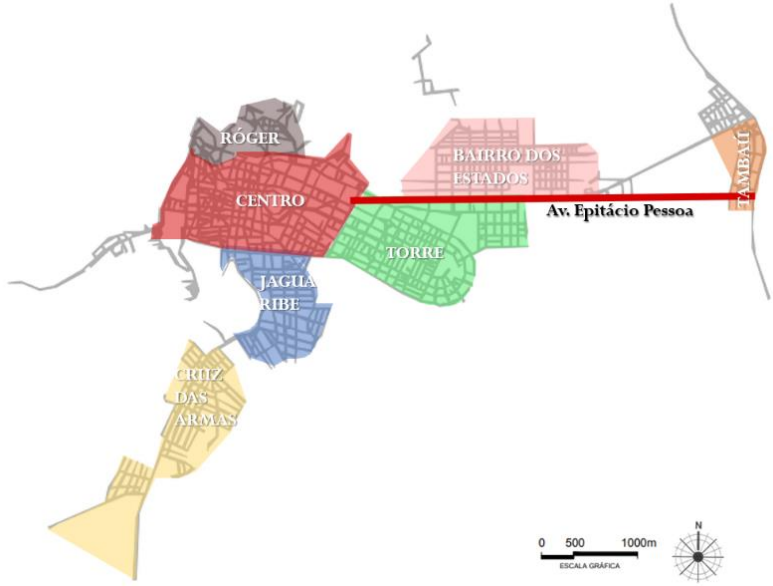
O presente artigo tem como objetivo discorrer sobre a disseminação desse tipo de equipamento, mais especificamente no período entre 1940 e 1970, quando se iniciou uma expansão urbana mais flagrante, até o princípio da fase de declínio das salas de "cinema de rua"[3]. O trabalho, fruto de uma dissertação, foi desenvolvido a partir da revisão da literatura sobre a modernização da cidade de João Pessoa, assim como de pesquisa hemerográfica, analisando os principais jornais diários da época, "O Norte" e "A União". O texto está estruturado por décadas, o que permitiu remeter à passagem do tempo na elaboração das cartografias, bem como na exploração dos diferentes dados iconográficos.

[3] Trata-se "cinema de rua" as salas de exibição de filmes localizadas no perímetro urbano que possuem suas fachadas voltadas para rua, em diferenciação de salas inseridas em centros comerciais ou galerias.

A DÉCADA DE 1940: A FORMAÇÃO DE NOVOS BAIRROS E UMA MAIOR EXPANSÃO URBANA

Com o Plano de Remodelação e Extensão para a cidade de João Pessoa (1932), a cidade de João Pessoa chegou na década de 1940 com um quadro de expansão e modernização expressivo e um plano viário mais articulado com a malha urbana (Vidal, 2004). Pode-se considerar que, até então, a expansão da capital paraibana acontecia numa velocidade moderada e o plano de reforma de Nestor Figueiredo permitiu que esse avanço ocorresse de forma mais rápida e organizada. Trajano (2006) explica que, em função da execução incompleta do plano, a malha urbana passou a apresentar uma parcela territorial desocupada, deixando demarcado o traçado linear da Avenida Epitácio Pessoa que – via que ligava o centro da cidade ao litoral, aberta por volta de 1920. A década de 1940 deu início ao processo de ocupação adjacente à avenida e em direção leste, na tentativa de implementação gradual do plano de Nestor de Figueiredo e, de acordo com Silveira (2004, p.193), "a inserção do uso do solo residencial como elemento primordial na organização do espaço" foi fundamental nesse processo. O mapa 3 (*cf*. abaixo) apresenta a malha urbana de João Pessoa com a formação de novos bairros, como o bairro da Torre e do Bairro dos Estados, assim como o início de áreas como Cruz das Armas e Tambaú.

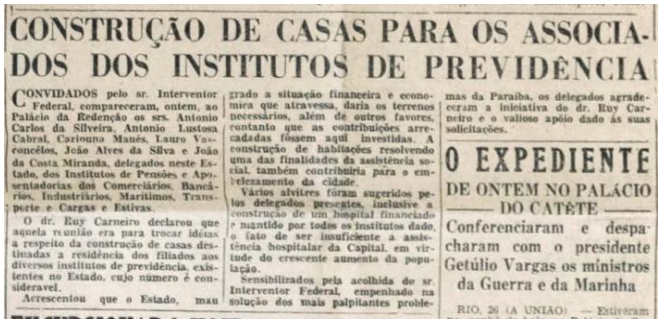
Mapa 3: Mapa de 1946 destacando os bairros e a Avenida Epitácio Pessoa.



Fonte: Filipéia em Mapas, modificado pelo autor.

Ainda em 1940, no recém-iniciado governo de Rui Carneiro (1940 – 1945), uma nota do Jornal "A União" noticiou a construção de casas aos filiados do Instituto da Previdência. A nota informou que se tratava de uma ação conjunta do Estado e de alguns Institutos de Previdência. Apesar de não citar o local específico a cidade, a nota (*cf*. figura 2) explica que o Estado forneceria os terrenos necessários, dentre outras contribuições (não citadas na nota), já que se tratava de uma ação de interesse público, pela finalidade da assistência social ("A União", 27 de setembro de 1940, p.1); essas ações para a construção de habitações tornaram-se frequentes a partir desse período.

Figura 2: Recortes do Jornal "A União" do dia 27 de setembro de 1940.



CONSTRUÇÃO DE CASAS PARA OS ASSOCIA-DOS DOS INSTITUTOS DE PREVIDÊNCIA

CONVIDADOS pelo sr. Interventor Federal, compareceram, ontem, ao Palácio da Redenção os srs. Antonio Carlos da Silveira, Antonio Lustosa Cabral, Carlouna Manés, Lauro Vasconcêlos, João Alves da Silva e João da Costa Miranda, delegados neste Estado, dos Institutos de Pensões e Aposentadorias dos Comerciários, Bancários, Industriários, Marítimos, Transporte e Cargas e Estivas.

O dr. Ruy Carneiro declarou que aquela reunião era para trocar idéias a respeito da construção de casas destinadas a residência dos filiados aos diversos institutos de previdência, existentes no Estado, cujo número é consideravel.

Acrescentou que o Estado, mau grado a situação financeira e economica que atravessa, daria os terrenos necessários, além de outros favores, contanto que as contribuições arrecadadas fôssem aqui investidas. A construção de habitações resolvendo uma das finalidades da assistência social, também contribuiria para o embelezamento da cidade.

Vários alvitres foram sugeridos pelos delegados presentes, inclusive a construção de um hospital financiado e mantido por todos os institutos dado, o fato de ser insuficiente a assistência hospitalar da Capital, em virtude do crescente aumento da população.

Sensibilizados pela acolhida do sr. Interventor Federal, empenhado na solução dos mais palpitantes proble-

mas da Paraiba, os delegados agradeceram a iniciativa do dr. Ruy Carneiro e o valioso apoio dado ás suas solicitações.

O EXPEDIENTE
DE ONTEM NO PALÁCIO
DO CATÉTE

Conferenciaram e despacharam com o presidente Getúlio Vargas os ministros da Guerra e da Marinha

RIO, 26 (A UNIÃO) — Estiveram

Fonte: Acervo do Jornal "A União".

O governo de Rui Carneiro (1940 – 1945) deu continuidade às investidas na expansão da cidade em duas zonas que foram determinantes nesse processo: o Bairro dos Estados e a Torre. No início da década de 1940, foi assentado o quartel do Primeiro Grupamento de Engenharia e Construção onde futuramente seria o Bairro dos Estados. O próprio quartel construiu uma vila para os oficiais em suas intermediações – caracterizada por um importante conjunto arquitetônico –, o que impulsionou a construção de outras moradias em seu entorno (Coutinho, 2004, p.85). O recém-fundado bairro Torre foi outro importante ponto de expansão para as áreas leste e sudeste da cidade, transformando-se em um eixo de "transição espacial entre o antigo e o novo" (Silveira, 2004, p.191). Ainda de acordo com Silveira (*idem*), o bairro recebeu suas primeiras edificações construídas pela Fundação Casa Popular (FCP). Uma nota do jornal "A União" do dia 4 de julho de 1945 (*cf*. figura 3), relata melhoramentos relacionados à questão do saneamento no bairro da Torre realizados naquele ano, ressaltando a relevância que a área mantinha, já que notas referentes a obras e melhoramentos urbanos em outras áreas da cidade foram escassas durante a década de 1940.

Figura 3: Recortes do Jornal "A União" do dia 4 de julho de 1945.



MELHORAMENTOS URBANOS NO BAIRRO DA TORRE

Esteve ontem com o interventor Ruy Carneiro uma comissão de pessoas residentes nessa populosa zona da capital — Plano de trabalhos a ser executado pelo D. V. O. P. em cooperação com o Departamento Nacional de Obras de Saneamento

O Interventor Ruy Carneiro recebeu ontem em Palácio uma comissão de pessoas representativas do bairro da Torre, desta capital, á frente da qual se achava o coronel José Olive-ra Leite e composta ainda dos srs. Antonio Serafim Rêgo, João Belarmino Feitosa, Djalma Fernandes de Carvalho, José Go-ro do Departamento Nacional de Obras de Saneamento, presentemente nesta capital e do dr. Serafim Martines, diretor

Fonte: Acervo do Jornal "A União".

Segundo Coutinho (2004), entre as medidas importantes do governo de Rui Carneiro, em relação ao crescimento urbano ao leste, citem-se a regularização da Estrada de Cabedelo, a implantação de bondes elétricos na praia de Tambaú e a criação das primeiras linhas de ônibus que faziam o transporte do Centro a praia. Além disso, a implantação do Grupo Escolar João Pessoa nessa área, e construção do Bar e Restaurante Elite no litoral promoveram, segundo Silveira (2004), a produção de novas práticas sociais e culturais urbanas atreladas à modernidade. De acordo com Leal (2007), pouco tempo depois, em 1° de julho de 1941, foi inaugurado, por José Ferreira de Lima, um pequeno empresário do ramo, o Cine Glória. O equipamento estava localizado na Avenida Cruz das Armas, a principal do bairro de mesmo nome, em substituição a um cinema que teve uma vida curta, o Cine Ideal, mencionado no Jornal "A União" em fevereiro de 1938. O "Glória" ocupava um prédio com características em *Art Déco*, como o uso de formas geométricas e marquise (*cf*. figura 4)

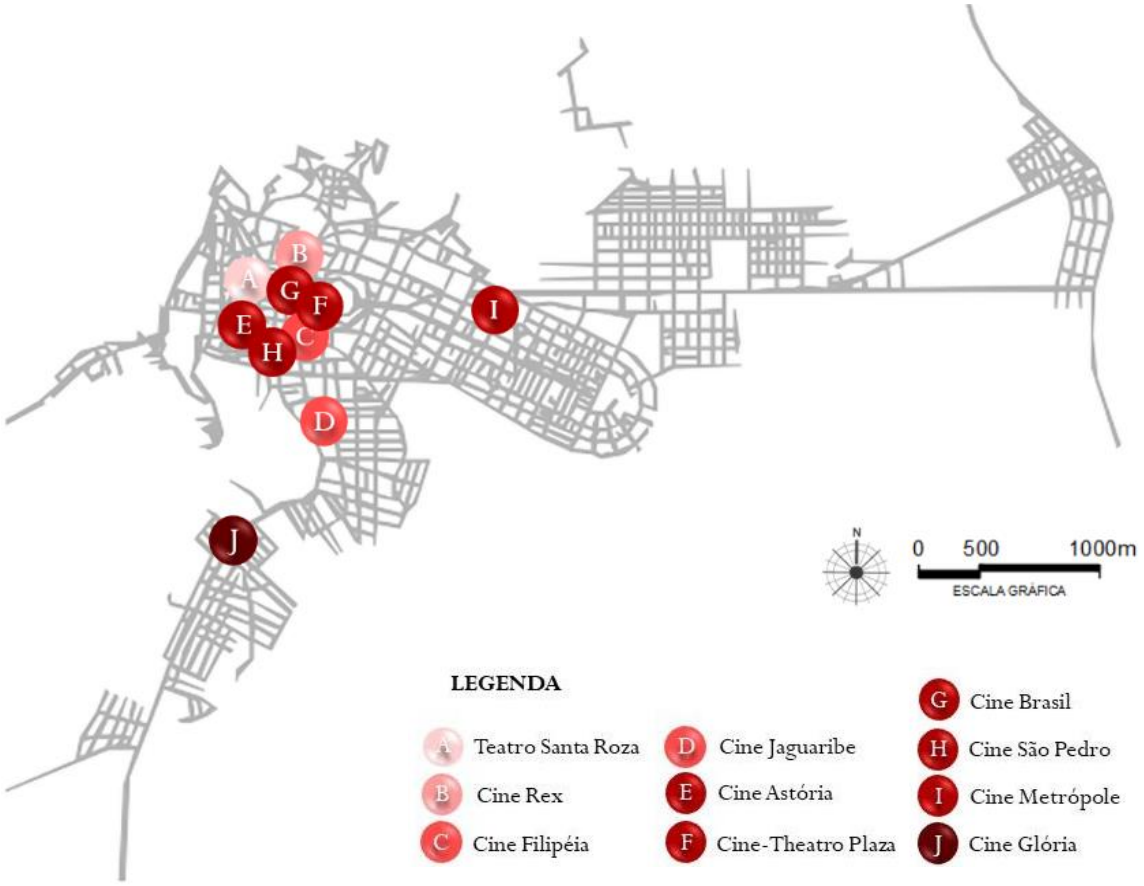
Figura 4: Fachada do Cine Glória.



Fonte: DIB, 2021.

O Mapa 4 reúne essas informações e reforça que esta última sala foi a única a abrir nos anos 1940 (*cf*. mapa 4, Cine Glória representado pela letra J)[6].

Mapa 4: Localização dos cinemas na década de 1940 (1940 até 1949), utilizando o mapa de 1946 como base.



Fonte: Filipéia mapas da cidade, modificado pelo autor.

Em 1947, dois governadores atuaram em medidas que facilitaram o fluxo no bairro do Cruz das Armas, indicando o prenúncio de um crescimento ao sul da cidade. José Gomes da Silva (1946 – 1947) implantou um serviço de bondes de Cruz das Armas ao Oitizeiro; enquanto o governador Oswaldo Trigueiro (1947 – 1951) atuou em algumas medidas como a pavimentação da Avenida Cruz das Armas, principal do bairro, numa extensão de 1,4 km, incentivando a expansão da área (Oliveira, 2006). Ainda no governo de Oswaldo Trigueiro foram promulgados a primeira Lei Orgânica do município (1948) e o Código de Posturas

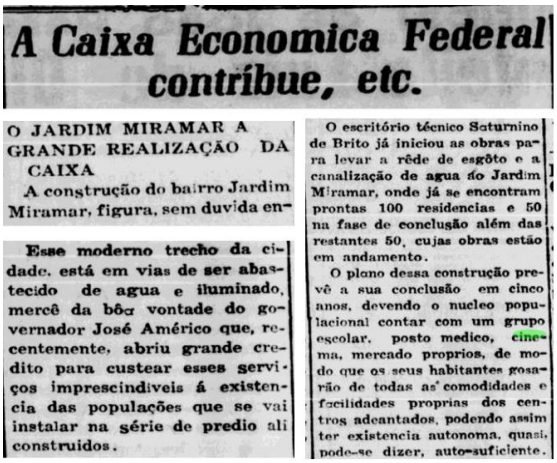
[6] A tonalidade das marcações que representam os cinemas no mapa tem referência ao período de sua abertura – os mais claros são cinemas mais antigos e os mais escuros são os cinemas mais recentes.

(1948), na tentativa de ordenar o crescimento urbano que começava a acontecer de forma mais latente (Coutinho, 2004).

A DÉCADA DE 1950: A EXPANSÃO DA CIDADE E DOS CINEMAS DE BAIRRO

Em 1951, o Ministro de Viação e Obras Públicas, José Américo de Almeida, assumiu o governo do Estado (tendo permanecido até 1956), atuando em diversas medidas para a melhoria da infraestrutura, como pavimentação de ruas, abastecimento de água, distribuição de luz elétrica e em prol da expansão urbana, notadamente com a implantação do loteamento Jardim Miramar, em 1952 (Coutinho, 2004) – construído para uma parcela da população de maior poder aquisitivo e ponto chave para a consolidação da ligação da cidade com a praia. Trajano (2006) aponta que a ocupação desse espaço rompe com a lógica estabelecida até então de crescimento centrífugo e coloca o território da cidade mais próximo do litoral. O jornal "O Norte", por sua vez, indica que esta ocupação foi uma das "maiores realizações no terreno de edificações de imóveis já registrada nessa capital", realizada a partir de investimentos da Caixa Econômica Federal (*cf*. figura 5). O espaço foi caracterizado como "moderno", pois, além de iluminação e saneamento, comportava serviços imprescindíveis para a população, como "posto médico, grupo escolar, mercado e cinema"; esta informação demonstra a importância dos cinemas na cidade e como eles se encaixavam em uma lógica de produção espacial modernizante para o momento ("O Norte", 5 de março de 1952, p.5).

Figura 5: Recortes do Jornal "O Norte" do dia 5 de março de 1952.



A Caixa Economica Federal contribue, etc.

O JARDIM MIRAMAR A GRANDE REALIZAÇÃO DA CAIXA

A construção do bairro Jardim Miramar, figura, sem duvida en-

Esse moderno trecho da cidade, está em vias de ser abastecido de agua e iluminado, mercê da bôa vontade do governador José Américo que, recentemente, abriu grande credito para custear esses serviços imprescindiveis á existencia das populações que se vai instalar na série de predio ali construidos.

O escritório técnico Saturnino de Brito já iniciou as obras para levar a rêde de esgôto e a canalização de agua ao Jardim Miramar, onde já se encontram prontas 100 residencias e 50 na fase de conclusão além das restantes 50, cujas obras estão em andamento.

O plano dessa construção prevê a sua conclusão em cinco anos, devendo o nucleo populacional contar com um grupo escolar, posto medico, cinema, mercado proprios, de modo que os seus habitantes gosarão de todas as comodidades e facilidades proprias dos centros adeantados, podendo assim ter existencia autonoma, quasi, pode-se dizer, auto-suficiente.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Em conformidade com a criação desses novos bairros, percebe-se um aumento no número de cinemas de bairro na década de 1950. O primeiro deles foi o Cine São José, em 8 de março de 1952, na Avenida Senador João Lira em Jaguaribe, um bairro já consolidado na capital e que passou, partir dessa década, a ser um bairro privilegiado em relação aos cinemas, já que pôde contar com três salas de exibição – maior quantidade de salas por bairro da cidade. O cinema foi construído pelo Círculo Católico Operário de João Pessoa e sua abertura foi noticiada alguns meses antes em jornais locais, tanto do "O Norte" como do "A União" (Figuras 6 e 7).

Figuras 6 e 7: Recortes do Jornal "A União" do dia 22 de fevereiro de 1952 e do "O Norte" do dia 3 de fevereiro de 1952.



CINE TEATRO SÃO JOSE'

A cidade de João Pessoa será dotada brevemente de um novo e confortavel cinema de 35 mm. do Circulo Operario de João Pessoa, sito á Av. Senador João Lira, 687.

Aguardem o novo cinema!

CINE - TEATRO SÃO JOSÉ

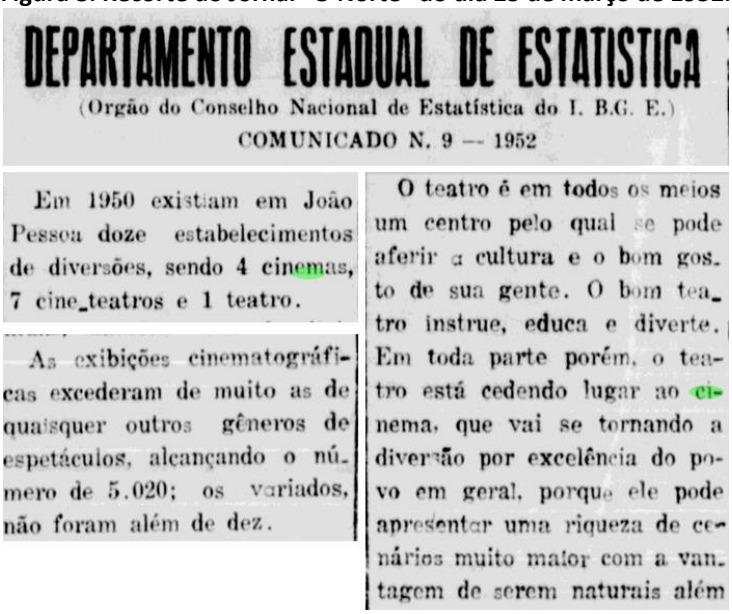
Aguardem para muito breve a inauguração deste novo cinema, modernamente instalado, pertencente ao CIRCULO OPERARIO DE JOÃO PESSOA. — Avenida Senador João Lira.

CINE - TEATRO SÃO JOSÉ

Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Percebe-se como o cinema se enquadrou nesse momento de produção urbana de caráter expansivo, sendo um elemento considerado para a dinâmica do bairro, junto com grupo escolar, posto médico e mercados (*cf*. figura 5). Além disso, apareceu enquanto um hábito presente no cotidiano da população, como destacado em matéria no jornal "O Norte", constituindo um equipamento de "diversão por excelência do povo em geral" (*cf*. figura 8). De acordo com a mesma nota, a atividade cinematográfica excede em números qualquer outro gênero de espetáculos, até mesmo o teatro, já que os filmes podem apresentar uma riqueza de cenários muito maior do que seu eterno rival, além de um valor de ingresso muito mais em conta (O Norte, 25 de março de 1952, p.4).

Figura 8: Recorte do Jornal "O Norte" do dia 25 de março de 1952.



DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATISTICA

(Orgão do Conselho Nacional de Estatística do I. B.G. E.)

COMUNICADO N. 9 — 1952

Em 1950 existiam em João Pessoa doze estabelecimentos de diversões, sendo 4 cinemas, 7 cine_teatros e 1 teatro.

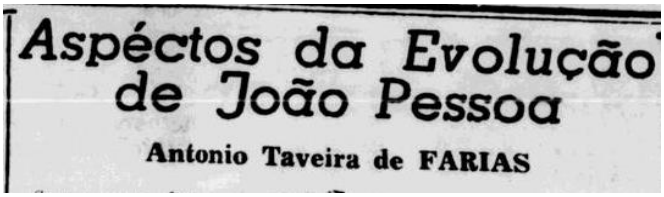
As exibições cinematográficas excederam de muito as de quaisquer outros gêneros de espetáculos, alcançando o número de 5.020; os variados, não foram além de dez.

O teatro é em todos os meios um centro pelo qual se pode aferir a cultura e o bom gosto de sua gente. O bom teatro instrue, educa e diverte. Em toda parte porém, o teatro está cedendo lugar ao cinema, que vai se tornando a diversão por excelência do povo em geral, porque ele pode apresentar uma riqueza de cenários muito maior com a vantagem de serem naturais além

Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Uma medida importante de José Américo de Almeida foi a finalização das obras de pavimentação da Epitácio Pessoa, no final do ano de 1952, o que facilitou ainda mais o transporte da população à zona litorânea; segundo Coutinho (2004), com essas mudanças, e principalmente com a maior difusão do automóvel individual, houve um aumento de moradias fixas na orla de Tambaú em substituição às casas apenas de veraneio. Em um artigo sobre a evolução urbana de outubro de 1952, para o jornal "O Norte" (*cf*. figura 9), o autor Antônio Taveira Farias revela a importância da pavimentação da Avenida, descrevendo que esta "não era uma obra de 'fachada'. É uma necessidade da capital". Ele ainda comenta que a via inaugura um processo de fluxo viário em direção ao litoral, relatando que "não só a Epitácio Pessoa, com outras virão para o mar" ("O Norte", 29 de outubro de 1952, p.5).

Figura 9: Recorte do Jornal "O Norte" do dia 29 de outubro de 1952.



Aspéctos da Evolução de João Pessoa

Antonio Taveira de FARIAS

Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

A pavimentação da avenida ajudou ainda mais na expansão leste da cidade e na proliferação de zonas habitacionais. De acordo com Coutinho (2004), dentre as áreas que foram sendo ocupadas estavam o bairro dos Expedicionários e Treze de maio na zona leste; e Bairro dos Novais e Oitizeiro ao sul da cidade. A conquista desses bairros foi facilitada também pela maior ocupação e consequente consolidação de bairros como a Torre, no sentido leste, e na expansão da Avenida Cruz das Armas ao sul. Portanto, tem-se a inauguração de dois cinemas de bairro durante a década de 1950: o cinema Caramuru (ou, posteriormente, o Bela Vista), no Cruz das Armas e o Torre, no bairro de mesmo nome. O Cine-Theatro Caramuru foi aberto em 20 de março de 1952 (*cf*. figura 10). Assim como o Cine Glória, localizava-se na Avenida Cruz das Armas e teve um curto tempo de vida. Leal (2007, p.71) atesta que não há registros de muitas descrições sobre o cinema, apenas relata que ele possuía "instalações 'precarissíssima' ".

Figura 10: Recortes do Jornal "O Norte" do dia 15 de fevereiro de 1952.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

O Cine Torre, por sua vez, foi inaugurado em março de 1953, sob o slogan "um cinema a serviço de um bairro" (*cf*. figura 11), reforçando o apelo que esse tipo de sala de exibição teve no momento de construção de zonas residenciais. Leal (2007, p.63) descreve que o Cine Torre se situava em um "acanhado prédio instalado na Rua Barão de Manmaguape". Tratava-se de uma linguagem semelhante àquela do restante dos cinemas mencionados, com características Art Decó (*cf*. figura 12).

Figura 11: Recortes do Jornal "O Norte" do dia 7 de março de 1953.


Por êstes dias — Inauguração do CINE TORRE — Um cinema a serviço de um bairro !

Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Figura 12: Fachada do Cine-Teatro Torre.



Fonte: LEAL, 2007.

Outro ponto importante para expansão da cidade foi a fundação da Universidade da Paraíba (atual UFPB) em 1955, que se federalizou em 1960 (*cf*. figura 13). Em outra nota (*cf*. figura 14), aponta-se que a criação da Universidade iria "acentuar o sentimento universitário nas nossas elites intelectuais", já que o meio cultural paraibano avançou de forma considerável desde 1950 ("O Norte", 24 de junho de 1954, p.4). De acordo com Rodrigues (1980), o fato favoreceu transformações espaciais importantes para a área e um aumento demográfico, o que teria estimulado a expansão de serviços culturais e lazeres.

Figuras 13 e 14: Recortes do Jornal "A União" dos dias 13 de junho de 1954 e do "O Norte" 24 de junho de 1954.



A criação da Universidade da Paraiba

Conferência do Prof. George Agostinho, na Próxima Sexta-Feira, em Tôrno do Momentoso Assunto — Iniciativa do "Comitê Pró-Universidade" — Outras Notas

SERÁ brevemente levado a plenário, na Assembléia Legislativa do Estado, o projeto de criação da Universidade da Paraiba, objeto da Mensagem Governamental dirigida àquela Casa pelo Ministro José Américo, ao afastar-se da Chefia do Executivo Estadual.

O assunto já começa a movimentar os círculos universitários pessoenses, que tiveram desde logo a idéia de fazer funcionar um orgão de propaganda do movimento, o "Comitê Pró-Universidade".

Com o apôio da direção da Rádio Tabajara da Paraiba, da imprensa local e do professorado de todas as escolas superiores da Capital e do interior, vem o Comitê levando a efeito uma intensa campanha

Seguindo o seu programa de incentivo à campanha de centralização das nossas Faculdades, o "Comitê Pró-Universidade" promoverá uma reunião no dia 23 do corrente, às 20 horas, no Salão Nobre da Faculdade de Direito da Paraiba, onde usará da palavra, abordando importante tema ligado à criação da Universidade, o Prof. George Agostinho Silva, catedrático de História Medieval da Faculdade de Filosofia e Letras da Paraiba.

Estão convidados para a reunião em aprêço os professores e alunos de tôdas as Escolas Superiores, bem como parlamentares, jornalistas e o

Aprovada a criação da Universidade

Resta apenas a Redação Final do projeto: ultimo passo

Foi aprovado pelos deputados estaduais, na sessão de ontem, em 3a. discussão, o Projéto de Lei n. 34|53, que cria a Universidade da Paraíba, quase dois mêses depois de enfileirar-se entre as proposições que compunham a Ordem do Dia.

HISTORIA DA PROPOSIÇÃO

Em atendimento aos constantes apêlos da mocidade paraibana o governador José Américo, poucos dias antes de passar o Govêrno ao seu substituto legal, sr. João Fernandes de Lima, para assumir a Pasta da Viação, enviou à Assembléia Legislativa a Mensagem acompanhada do Projeto de Lei que propunha a criação da Universidade Estadual da Paraíba. Isto, em meiados de Junho do ano passado.

A LONGA ESPERA

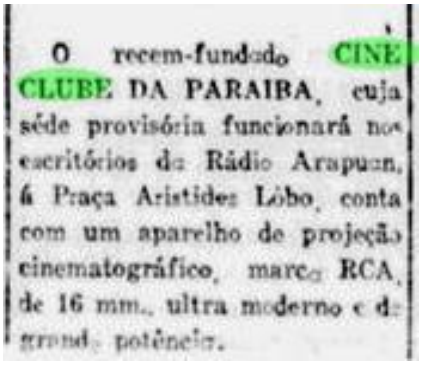
Desde então, o Projeto que no Parlamento recebeu o n. 34|53, iniciou a tramitação pelos órgãos técnicos, a-fim-de receber

(Conclue na 4a. pág.)

Fonte: Biblioteca Nacional Digital e Acervo digital "A União".

Além dos cinemas de bairro que surgem nos anos 1950, Leal (2007) relata o surgimento dos cineclubes e o desenvolvimento de uma cultura cinematográfica mais ativa na cidade. Esses acontecimentos contribuem para o aumento na frequência das salas de cinemas, mas, ao contrário das décadas anteriores, coloca o filme como principal motor de ação – e não o hábito do lazer pelo lazer, em que o filme e as idas ao cinema eram uma das atividades que compunham essa movimentação. Em pesquisas no jornal "O Norte", já em outubro de 1952, aparecem notícias em que se confirma a existência do "Cine Clube da Paraíba", que funcionava, provisoriamente, nos escritórios da Rádio Arapuã, próximo à Praça Aristides Lobo (*cf*. figura 15). A nota do Jornal "O Norte", 28 de outubro de 1952 (*cf*. figura 16) pontua que a criação de um cineclube teve como o objetivo "a exibição de fitas de boa qualidade artística e não menor valor e que dignifiquem realmente a atividade cinematográfica", já que as salas de cinema da cidade constituíam simples empresas comercias, que visavam, prioritariamente, o lucro, e acabavam por deixar de lado películas de grande valor artístico.

Figuras 15: Recorte do Jornal "O Norte" do dia e 28 de outubro de 1952.



O recem-fundado CINE CLUBE DA PARAIBA, cuja séde provisória funcionará nos escritórios da Rádio Arapuan, á Praça Aristides Lobo, conta com um aparelho de projeção cinematográfico, marca RCA, de 16 mm., ultra moderno e de grande potência.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Figuras 16: Recorte do Jornal "O Norte" do dia e 28 de outubro de 1952.



O Cine Clube da Paraíba

Conta já com um projetor RCA, de 16 mm, ultra-moderno — À frente do movimento os jornalistas Geraldo Sobral e Linduarte Noronha — Filmes de alto nivel artistico

Em meiados do ano passado, o nosso companheiro de redação, jornalista Geraldo Sobral, num dos seus costumeiros artigos que firmava neste matutino, na coluna «Ecos e comentários», levantou a idéia da fundação de um clube de cinema em nossa capital, como medida preventiva contra a enxurrada de fitas de má qualidade. Não houve, no entanto, como era de se esperar, a devida repercussão, ficando a idéia sòlta, á espera de melhor oportunidade para concretizar-se.

A necessidade da existência de um clube de cinema, já assinalada naquela época, vem se fazendo sentir cada vez mais com profundidade, hoje em dia. As nossas casas de espetáculos, por questão mesmo de constituem simples emprêsas comerciais, visando tão somente o lucro fácil e imediato, pouco se incomodando com o valor artístico dos filmes que exibem, não se interessam pela apresentação de bôas películas. Assim é que inúmeros filmes, principalmente de produção francêsa, inglêsa e italiana, até mesmo russa, tchêca, ou polonêsa nunca foram exibidos entre nós nem temos esperança de vê-los nunca.

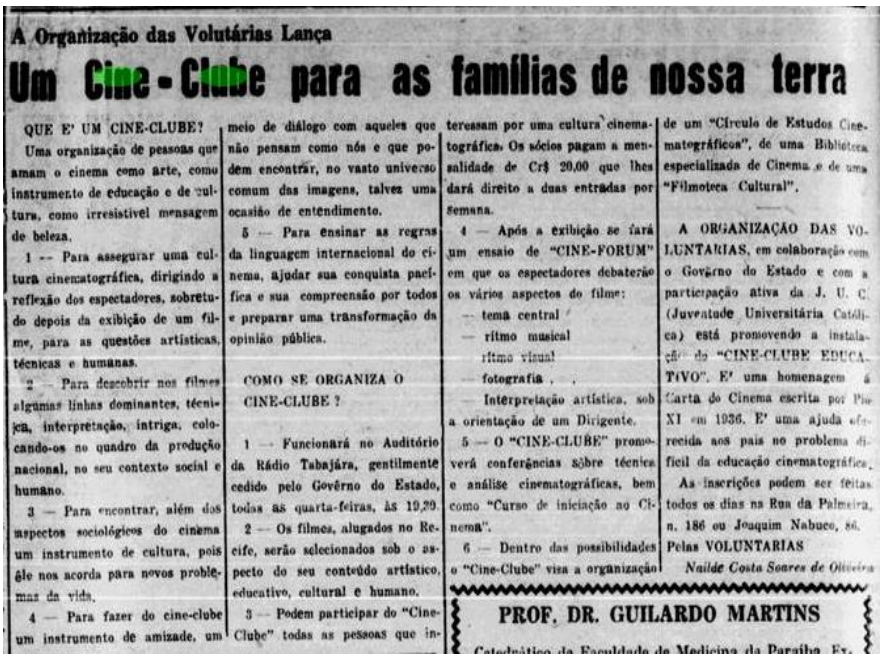
Ficam, assim, os aficionados da Sétima Arte impossibilitados de assistir á filmes de alto nivel artistico e de grande valôr, não só documentário, como também humano.

Películas como «Fantasia», «Bambi», «O Ladrão de bicicleta», «Anjo perverso», se bem que possuam um alto nivel artístico, não constituiram sucesso de bilheteria, quando de sua exibição em nossas platéias. E como estas, existem dezenas e dezenas de outras que não chegaram nem mesmo a ser anunciadas ou incluidas numa possivel programação de nossas casas de espetáculos. E, se por um lado os proprietários dos cinemas teem razão em não apresentar fitas de tal teôr, por outro lado, afigura-se-nos imprescindivel assisti-los, já que tais filmes re-

Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Em nota do Jornal "O Norte", do dia 13 de setembro de 1953, pontua-se em detalhes as razões para a criação do cineclube, dentre elas, o fato de assegurar a cultura cinematográfica na cidade, esmiuçando sua organização e funcionamento (*cf*. figura 17). De acordo com Leal (idem, p.126), o cineclube foi fundado a partir da realização do evento "I Semana de Cinema de João Pessoa", que tinha por finalidade "despertar em nosso público o gosto pelo bom cinema".

Figura 17: Recortes do Jornal "O Norte" do dia 13 de setembro de 1953.



A Organização das Voluntárias Lança

Um Cine-Clube para as famílias de nossa terra

QUE E' UM CINE-CLUBE?

Uma organização de pessoas que amam o cinema como arte, como instrumento de educação e de cultura, como irresistivel mensagem de beleza.

1 — Para assegurar uma cultura cinematográfica, dirigindo a reflexão dos espectadores, sobretudo depois da exibição de um filme, para as questões artisticas, técnicas e humanas.

2 — Para descobrir nos filmes algumas linhas dominantes, técnica, interpretação, intriga, colocando-os no quadro da produção nacional, no seu contexto social e humano.

3 — Para encontrar, além dos aspectos sociológicos do cinema um instrumento de cultura, pois êle nos acorda para novos problemas da vida.

4 — Para fazer do cine-clube um instrumento de amizade, um meio de diálogo com aqueles que não pensam como nós e que podem encontrar, no vasto universo comum das imagens, talvez uma ocasião de entendimento.

5 — Para ensinar as regras da linguagem internacional do cinema, ajudar sua conquista pacífica e sua compreensão por todos e preparar uma transformação da opinião pública.

COMO SE ORGANIZA O CINE-CLUBE ?

1 — Funcionará no Auditório da Rádio Tabajára, gentilmente cedido pelo Govêrno do Estado, todas as quarta-feiras, às 19,30.

2 — Os filmes, alugados no Recife, serão selecionados sob o aspecto do seu conteúdo artistico, educativo, cultural e humano.

3 — Podem participar do "Cine-Clube" todas as pessoas que interessam por uma cultura cinematográfica. Os sócios pagam a mensalidade de Cr$ 20,00 que lhes dará direito a duas entradas por semana.

4 — Após a exibição se fará um ensaio de "CINE-FORUM" em que os espectadores debaterão os vários aspectos do filme:

— tema central
— ritmo musical
— ritmo visual
— fotografia
— Interpretação artística, sob a orientação de um Dirigente.

5 — O "CINE-CLUBE" promoverá conferências sôbre técnica e análise cinematográficas, bem como "Curso de iniciação ao Cinema".

6 — Dentro das possibilidades o "Cine-Clube" visa a organização de um "Círculo de Estudos Cinematográficos", de uma Biblioteca especializada de Cinema e de uma "Filmoteca Cultural".

A ORGANIZAÇÃO DAS VOLUNTARIAS, em colaboração com o Govêrno do Estado e com a participação ativa da J. U. C. (Juventude Universitária Católica) está promovendo a instalação do "CINE-CLUBE EDUCATIVO". E' uma homenagem á Carta do Cinema escrita por Pio XI em 1936. E' uma ajuda oferecida aos pais no problema difícil da educação cinematográfica.

As inscrições podem ser feitas todos os dias na Rua da Palmeira, n. 186 ou Joaquim Nabuco, 86.

Pelas VOLUNTARIAS

Nailde Costa Soares de Oliveira

PROF. DR. GUILARDO MARTINS

Catedrático da Faculdade de Medicina da Paraíba. Ex.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital

O último cinema da década a ser aberto foi o "Cine Santo Antônio", no dia 27 de abril de 1956, classificado como cinema de "Primeira categoria", ou seja, "dentro da mesma linha do Rex e Plaza" (*cf*. figura 18). O cinema ficava localizado na Avenida Primeiro de Maio, em um prédio de esquina, no bairro de Jaguaribe.

Figura 18: Recortes do Jornal "O Norte" dos dias 7 de março de 1952 e 27 de abril de 1956.



SERA' ENTREGUE HOJE AO PUBLICO DE JOÃO PESSOA O CINE SANTO ANTONIO

RUY CARNEIRO AGRADECEU A PROVA DE CONFIANÇA DO PSD

Longo telegrama do chefe pessedista do Estado ao sr. Severino Lucena, presidente eventual do diretorio — "Esse gesto de bondade servirá, apenas, para aumentar a minha dedicação, cem por cento, ao PSD"

A propósito da moção de integral solidariedade que lhe foi enviada há poucos dias, pela presidência do PSD paraibano, como resultante de uma deliberação tomada em reunião do diretório regional, o Senador Ruy Carneiro, chefe pessedista do Estado, endereçou ao sr. Severino Lucena, o seguinte despacho telegráfico:

"RIO, 23 — Urgente — Severino Lucena — João Pessoa — Ausente do Rio, somente hoje tenho o prazer de

"Romeu e Julieta" de Castelanj será a fita de estréia do novo cinema

De primeira categoria — Aula de Filmologia — Filme Técnico — "O Menino e a Mula", no Cine-Clube

João Pessoa, a partir de hoje, contará com mais um cinema, quando o Instituto Educacional de Obras Sociais de «Santo Antonio», entregar ao nosso público o «Cine Santo Antonio», localizado na Rua 1o. de Maio, em Jaguaribe.

A's 20 horas, será realizada a benção pelo representante do Sr. Arcebispo que, por motivos superiores, não poderá comparecer.

Charles Chaplin, será a segunda película a ser exibida.

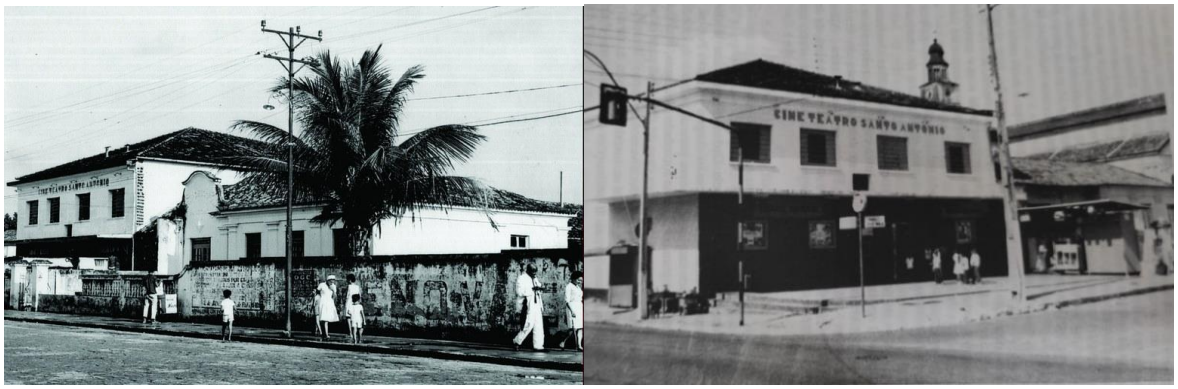
DE PRIMEIRA CATEGORIA

Também apuramos que a COAP colocará o «Cine Santo Antonio» dentro da mesma linha do «Rex» e Plaza, isto é de primeira linha, uma vez que o mesmo será lançador, já ten-

(Conclue na 4.ª pag.)

Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Figuras 19 e 20: Lateral e frente do Cine Santo Antônio.



Fontes: Acervo Digital "A União" e WANDERLEY, 1996.

Assim como o São José, também era propriedade de entidades religiosas, construído por iniciativa de dois frades da Igreja do Rosário (Leal, 2007). O "Santo Antônio" recebia bastante apoio da crítica e, de acordo com Leal (2007), foi o melhor cinema de bairro da cidade, chegando à categoria de terceiro lançador, perdendo apenas para o Plaza e o Rex – cinemas

de maior destaque da época, localizados no centro (*cf*. Figuras 19 e 20). Isso é percebido pelo destaque que recebia nas notas dos jornais, sempre aparecendo com bastante evidência, ocupando maior espaço na diagramação da página e com fontes maiores (*cf*. figura 21).

Figuras 21: Recorte do jornal "A União" do dia 11 de maio de 1958.



CINE PLAZA

HOJE — às 16,00, 18,30 e 20,30 horas — HOJE

A paixão entre êles nasceu numa viagem através do Rio... quando os perigos foram vencidos... E culminou num amor verdadeiro no fim da jornada:

"SANTIAGO"

Com Rossana Podestá — Alan Ladd em CINEMASCOPE E WARNERCOLOR — Impróprio até 14 anos

HOJE — Pré-Estréia às 9,30 hs. — "UM PIRATA DO OUTRO MUNDO" — Com Colé — Censura livre

Terça-feira — "HERANÇA DE UM FORÇADO" em CINEMASCOPE

BRASIL

Hoje — Matinée às 16 hs. — Soirée às 18,30 e 20,30 — Hoje

"RIFIFI"

Rigorosamente Proibido até 18 anos

Públicos no Estado da Paraiba Ltda.

Assembléia Geral Extraordinária

Segunda Convocação

Fiação Brasileira de Sisal S/A — "Fibrasa"

Assembléia Geral Extraordinária

Segunda Convocação

José Guedes Cavalcanti

Missa de 30.º Dia

CINE REX

HOJE — Matinée às 15,30 hs. — Soirée às 19 e 21 hs. — HOJE

Em RKOSCOPE TECHNICOLOR

Um homem como "SHANE"... Um suspense como em "MATAR OU MORRER"... Eles traziam o estigma da vingança que crescia como a lenda de suas valentias!

"MARCADO PELA VIOLENCIA"

Com Richard Egan — Dorothy Malone — Cameron Mitchel

Impróprio até 14 anos

HOJE — Na Matinal — Início do Seriado "A DEUSA DE JOBA" — 4.º Serié "DEMONIO DO CIRCULO VERMELHO"

Segunda-feira — "CURO MALDITO"

FILIPÉIA — Hoje às 15, 18,45 e 20,30 hs. — "RENEGANDO O MEU SANGUE"

JAGUARIBE — Hoje às 19,45 hs. — "O NEGOCIO FOI ASSIM"

Com Zé Trindade

METROPOLE — Hoje às 19,45 hs — "A LEI DO REVOLVER"

TORRE — Hoje às 20 hs. — "ATÉ O ULTIMO TIRO"

SÃO PEDRO — Hoje às 20 hs. — "OS INCONQUISTAVEIS"

CINE SANTO ANTONIO

HOJE — Matinée às 15,30 hs. — Soirée às 18,30 e 20,30 hs.

Em SUPERSCOPE 235

Realista! Humano! Violento! Emocionante! — Com Humphrey Bogart — no seu maior papel e no seu último filme

"A TRAGICA FARSA"

Com Jan Sterling — Censura até 14 anos

HOJE — NA MATINAL às 9,30 HORAS — HOJE

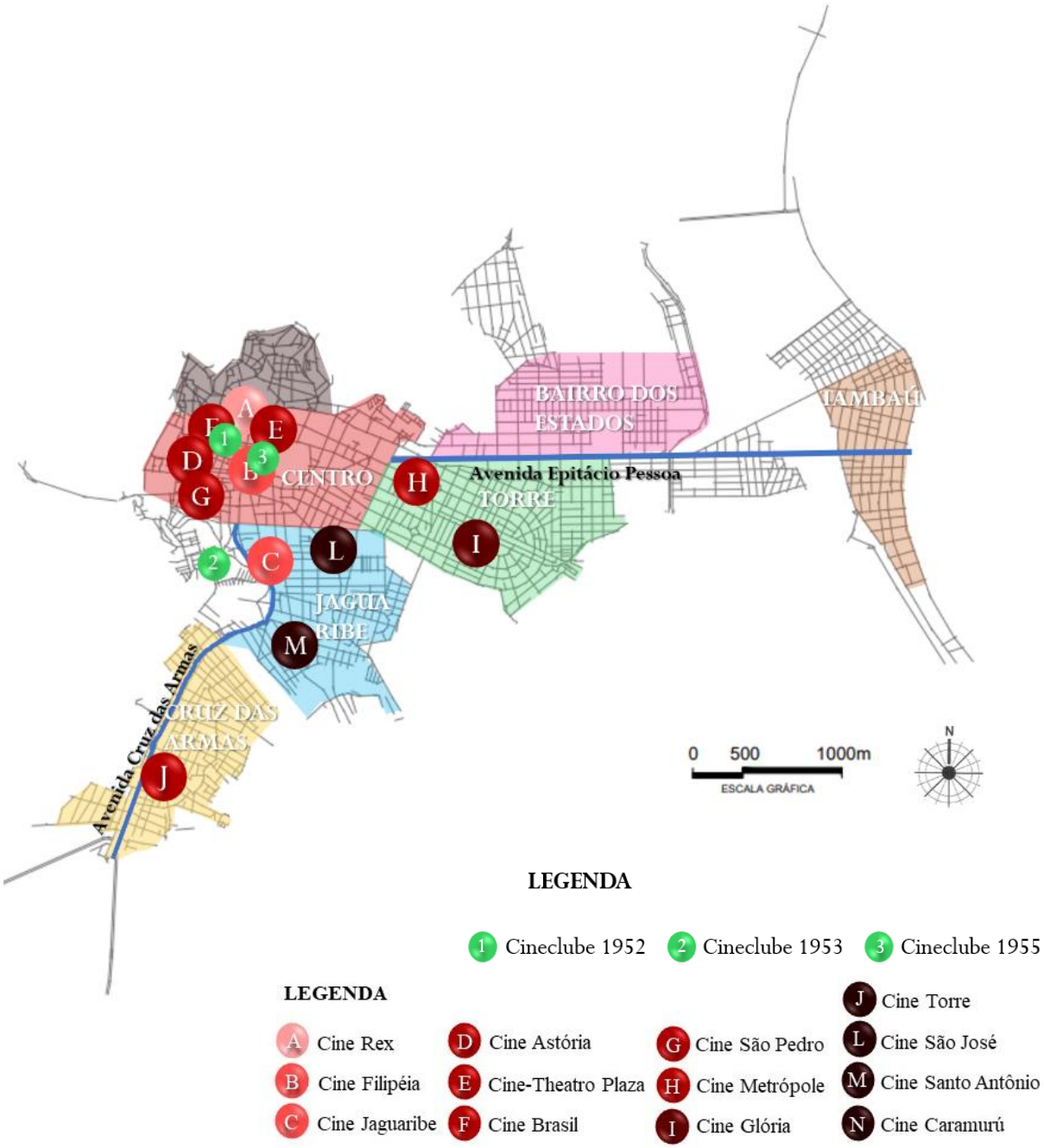
Dedicado a todas as crianças da Cidade

Fontes: Acervo Digital "A União".

O cinema, então, vive seu momento de auge, com o maior número de salas durante todo seu período de existência no perímetro urbano de João Pessoa. Um total de 16 cinemas estavam em atividades durante a década de 1950 – quatro deles abertos nesse período –, dispostos de forma mais heterogênea em uma cidade que se expandia crescentemente. Os processos de expansão urbana dos anos 1950 estavam articulados com a abertura de cinemas em algumas zonas residenciais, como Torre, Jaguaribe e Cruz das Armas, bairros na zona sul da cidade (*cf*. mapa 5, letras J, L, M e N). Ao analisar a localização dos cinemas na malha urbana, percebe-se que bairros consolidados, como o Jaguaribe e a Torre, comportam mais de uma sala. Além disso, destacam-se também as variadas localizações dos cineclubes durante a década, já que, além de importantes agentes na difusão da cultura cinematográfica na cidade[8], também foram responsáveis por algumas exibições de filmes – retirando o monopólio das salas de cinema.

[8] Em uma nota do jornal "O Norte" é divulgado um curso intensivo de cinema, voltado para a crítica, patrocinado pelo cineclube juntamente com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado ("O Norte", 8 de abril de 1956).

Mapa 5: Localização dos cinemas e dos cineclubes na década de 1950 (de 1950 até 1959), juntamente com a separação da cidade pelos bairros, utilizando a planta da cidade em 1958 como base.

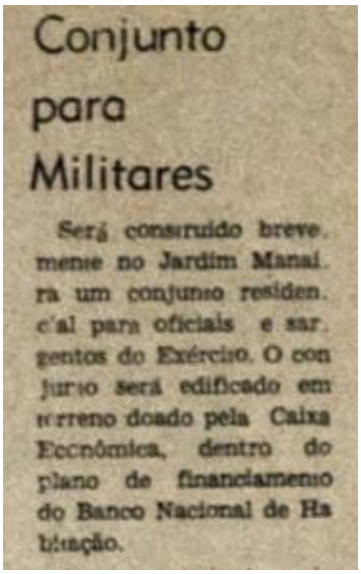


Fonte: Filipéia mapas da cidade, modificado pelo autor.

A DÉCADA DE 1960: O PRINCÍPIO DO DECLÍNIO

Silveira (2004) aponta que, ao entrar em 1960, João Pessoa ainda apresentava uma extensão territorial restrita, reduzindo-se à área central, às ocupações ao longo da Avenida Epitácio Pessoa ao leste, e da Avenida Cruz das Armas, ao sul. As criações da Sudene e do BNDES impulsionaram a industrialização, favorecendo a urbanização e o surgimento de uma população operária. De acordo com Coutinho (2004), esses organismos de relação direta com o governo federal tinham o objetivo de atuar no desenvolvimento industrial de toda a região Nordeste. Dessa forma, o início dos anos 1960 foi marcado por obras federais relevantes na mudança de panorama de João Pessoa, destacando-se a reforma de eixos rodoviários da BR-101 e da BR-230, que promoviam ligações para outras áreas da cidade (Silveira, 2004). A criação do BNH (Banco Nacional da Habitação) em 1964, também uma iniciativa de âmbito nacional, ampliou a política de construção de conjuntos habitacionais; foram produtos desses processos os conjuntos 13 de Maio, Pedro Gondim e Ipês Coutinho (2004). Silveira também menciona os conjuntos Brisamar, Jardim Luna e João Agripino, mais próximos ao litoral, em direção a Cabedelo (Silveira, 2004, p.218).

Figura 22: Recortes do Jornal "A União" do dia 24 de junho de 1967.



Conjunto para Militares

Será construído brevemente no Jardim Manaíra um conjunto residencial para oficiais e sargentos do Exército. O conjunto será edificado em terreno doado pela Caixa Econômica, dentro do plano de financiamento do Banco Nacional de Habitação.

Fonte: Acervo do Jornal "A União".

Figura 23: Recortes do Jornal "A União" do dia 19 de outubro de 1967 e do dia 12 de dezembro de 1967



PMJP doou terrenos à CEHAP para casas populares

MEP remete projetos de casas ao BNH

Fonte: Acervo do Jornal "A União".

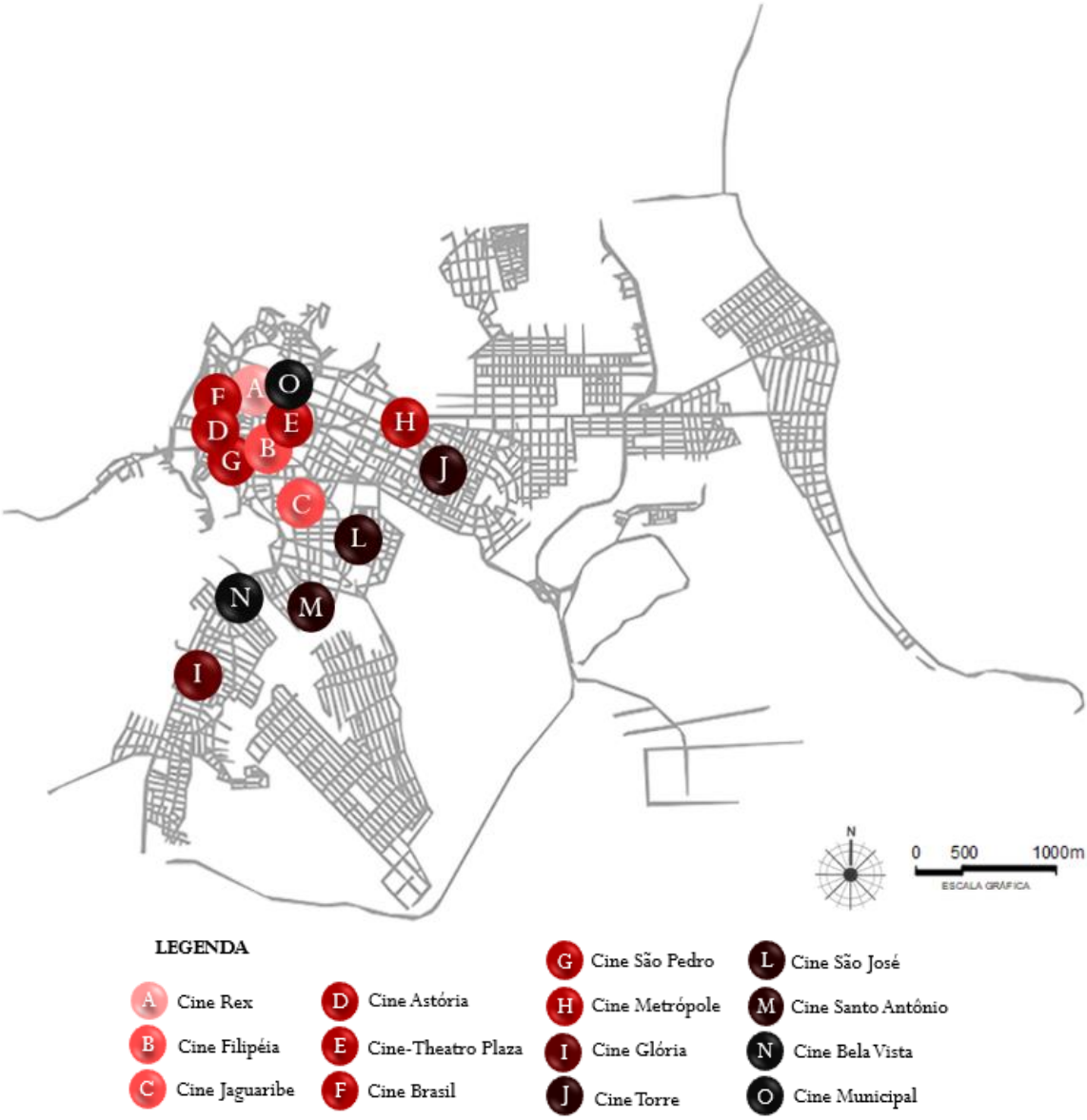
Em suma, a partir da década de 1960, o governo nacional atuou como agente, a partir de órgãos como a Sudene e o BNH, na produção do espaço de João Pessoa. Em 1967, uma nota do jornal "A União" divulga a construção de casas para oficiais e sargentos do Exército, no Jardim Manaíra, em uma tentativa de ocupação da zona litorânea ao norte da cidade. A notícia revela que o conjunto residencial "será edificado em terreno doado pela Caixa Econômica dentro do plano de financiamento do Banco Nacional de Habitação" (*cf*. figura 22).

Nesse mesmo ano, promoveu-se também a construção de conjuntos ao sul, como mostram as notas do jornal "A União" (*cf*. figura 23): em outubro, é divulgada informação descrevendo a atuação da CEHAP (Companhia Estadual de Habitação Popular)[10], juntamente com a prefeitura –ocupada por Damásio da Franca (1966 – 1971)–, para a construção de casas populares em Cruz das Armas. Silveira (2004) comenta que a empresa foi responsável por uma quantidade considerável de moradias ao sul e sudeste de João Pessoa. Em dezembro do mesmo ano, o BNH, juntamente o Montepio do Estado da Paraíba, discute a construção de habitações também na zona sul, na Cidade dos Funcionários, em Oitizeiro (*cf*. figura 23). Além disso, a nota divulga o planejamento para execução do conjunto "Dom Carlos Coelho" em Mandacaru.

A partir da década de 1960, os primeiros fechamentos definitivos de algumas salas de exibição começam a ocorrer. Para citar alguns deles, o Cine Torre fechou no início da década, assim como o São José, que encerrou as atividades em 1960 (Leal, 2007). Apesar disso, a atividade cinematográfica nunca esteve tão difundida na cidade, expondo o quanto as salas conseguiram se disseminar à medida que malha urbana se estendeu (*cf*. mapa 6).

[10] Criada em 04 de junho de 1965 pela Lei Estadual Nº 3.328, como objetivo de dar suporte à política nacional de habitação (CEHAP-PB).

Mapa 6: Localização dos cinemas na década de 1960 até 1969 (Planta da cidade da João Pessoa em 1970).



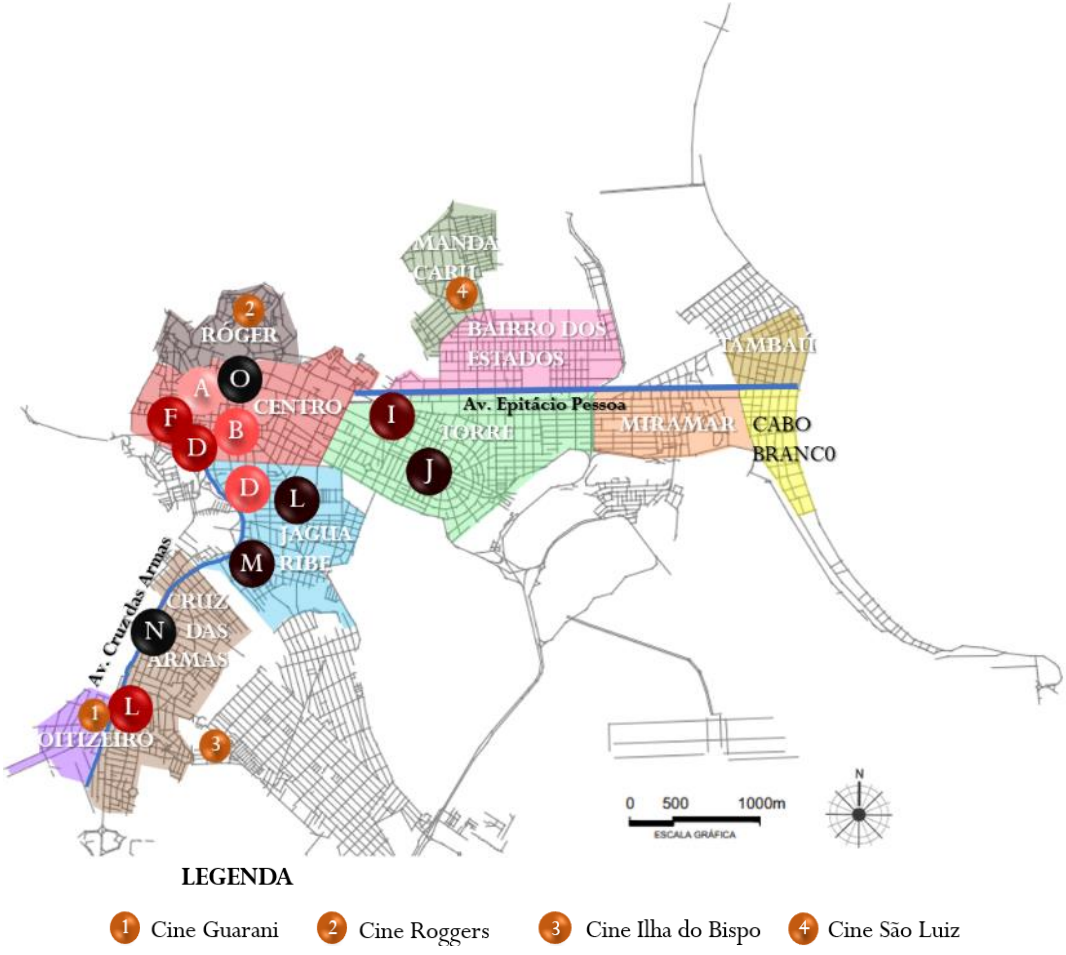
Fonte: Filipéia mapas da cidade, modificado pelo autor.

Leal (2007) a existência, em meados do século XX[12], de alguns cinemas em áreas mais afastadas da cidade: o "Guarani" na Avenida Coronel Massa, no Oitizeiro; o "Roggers" no baixo Roger; "Ilha do Bispo" na Avenida da Redenção, no bairro homônimo. Em reportagem, Leal (2016) também faz menção ao "São Luiz", mapeado por Dib (2010), no bairro de Mandacaru. Sobre esses cinemas, nenhuma referência foi encontrada nas pesquisas em jornais da época,

[12] Não é detalhado pelo autor o ano de abertura ou fechamento desses equipamentos.

muito provavelmente por se tratarem de cinemas em bairros menos prestigiosos. Porém, pontuar sua existência auxilia na compreensão da relação entre a abertura de cinemas de bairros num momento de construção de zonas habitacionais na cidade. Ao analisar a espacialização na cidade destes polos de atividades cinematográficas, percebe-se notadamente sua disseminação nos bairros recém-criados (*cf*. mapa 7).

Mapa 7: Localização dos cinemas na década de 1960 até 1969 (Planta da cidade da João Pessoa em 1970).



Fonte: Filipéia mapas da cidade, modificado pelo autor.

O Cine Municipal, por sua vez, voltou para a área central, denotando a importância que a região central tinha, em determinado momento para a cidade de João Pessoa. Esse cinema chegou a ser uma das principais salas da cidade, junto com o Rex e o Plaza, sendo o último a fechar suas portas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cinemas funcionaram, em suas diferentes fases e nas formas distintas de produção e reprodução do espaço, como importantes impulsionadores de hábitos e valores da modernidade. O recorte temporal apresentado pelo artigo é caracterizado por uma fase de apogeu e maior disseminação das salas. Percebe-se uma clara e expressiva difusão dos cinemas de bairro e, apesar dos cinemas principais – ou lançadores – continuarem no centro, a categoria "de bairro" permitiu uma localização mais heterogênea na cidade. Assim, esses equipamentos fazem parte de uma lógica de produção espacial urbana, acompanhando parte do crescimento da cidade, em especial, nos bairros para população de classe média aos estratos de baixa renda. Em contrapartida, percebe-se uma lacuna de salas de cinemas nos bairros voltados para a direção leste, tradicionalmente ocupados pelas populações de maior poder aquisitivo, levando ao questionamento das causas para que tal fato ocorresse, sejam eles fatores de renda ou de maior número de habitantes na área[13]. Em diferenciação aos cinemas do centro, as salas dos bairros apresentavam arquiteturas mais simples e condições mais precárias (Leal, 2007); além disso, o perfil dos proprietários era distinto: os cinemas de bairro eram propriedade de pequenos empresários, entidades religiosas ou cineclubes, enquanto que os proprietários dos cinemas do centro eram especializados no ramo e, geralmente, possuíam mais de uma sala.

Atualmente, a cidade de João Pessoa apresenta um cenário de total ausência de salas de "cinema de rua" em seu perímetro urbano. O desaparecimento desses espaços foi um fenômeno experimentado em âmbito nacional, e várias são suas causas; dentre elas, a especulação imobiliária e as novas lógica de configuração espacial; o aumento no preço dos ingressos e a chegada de outras tecnologias audiovisuais, como o vídeo cassete e a televisão (Bessa, 2013). Atualmente, a maioria das salas estão compreendidas nos grandes centros comerciais, no formato de "multiplex", agravando o quadro de separação da atividade cinematográfica de lazer do espaço público, característica das cidades atuais.

[13] Não foram encontrados dados que sanassem esse questionamento durante a execução da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BESSA, Marcia. Entre achados e perdidos: colecionando memórias dos palácios cinematográficos da cidade do Rio de Janeiro. (Tese de doutorado) – Unirio: Rio de Janeiro, 2013.

CHAVES, Carolina M.; TINEM, Nelci. **João Pessoa a extrusão da malha urbana em alusão ao progresso e à modernidade 1958-1975.** In: III Seminário Projetar, 2007.

COUTINHO, Marco Antônio Farias. **Evolução urbana e qualidade de vida: o caso da avenida Epitácio Pessoa.** (Dissertação de mestrado). UFPB: João Pessoa, 2004.

DIB, André. **Mapa do circuito exibidor de João Pessoa no século 20 (em construção).** Disponível em < https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=10qWxWa8sgXDST7Pn_sqzDOHyzXY&ll=-7.1203281814217165%2C-34.883198640492424&z=17> Acesso em Junho de 2024

LEAL, Wills. **Cinema na Paraíba/Cinema da Paraíba (Volume I).** João Pessoa, 2007.

_____. Jornalista e Pesquisador explicam história dos cinemas na Paraíba. Disponível em < https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura/jornalista-e-pesquisador-explicam-historia-dos-cinemas-na-paraiba> Acesso em junho de 2024

MARTINS, Paula Dieb. **O imobiliário e a reestruturação urbana: a cidade de João Pessoa/PB no século XXI.** (Tese de doutorado) – UFPB: João Pessoa, 2019.

MELLO, José Octávio**. Os Coretos no cotidiano de uma cidade - lazer e classes sociais na capital da paraíba.** João Pessoa: A União Editora, 1990.

OLIVEIRA, José Luciano Agra de. **Uma contribuição aos estudos sobre a relação transporte e crescimento urbano: o caso de João Pessoa.** (Dissertação de Mestrado). UFPB: João Pessoa, 2006.

RODRIGUEZ, Janete Lins. **Acumulação de capital e produção do espaço: o caso da grande João Pessoa.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1980.

SILVEIRA, José Augusto R. **Percursos e Processo de Evolução Urbana: O Caso da Avenida Epitácio Pessoa na Cidade de João Pessoa-PB.** Tese (Doutorado em desenvolvimento urbano) – MDU/UFPE.

TRAJANO FILHO, Francisco Sales. **Do Rio ao mar: uma leitura da cidade de João Pessoa entre duas margens.** *In:* [TINEM, Nelci (org)]. **Fronteiras, marcos e sinais. Leitura das Ruas de João Pessoa.** João Pessoa: Editora Universitária/Prefeitura Municipal de João Pessoa, 2006.

VIDAL, Wylnna Carlos Lima. **Transformações urbanas: a modernização da capital paraibana e o desenho da cidade, 1910 –1940.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, Programa De Pós-Graduação Em Engenharia Urbana, 2004.

WANDERLEY, Múcio L..**Programa variado**. João Pessoa: Editora União, 1996.

Acervo do Jornal A União: Jornal diário. Paraíba: João Pessoa, 1853-atualidade. Disponível em <https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao> Acesso em abril de 2024

Acervo do Jornal O Norte; Jornal diário. Paraíba: João Pessoa, 1908-1956. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em abril de 2024